

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE  
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE AS  
CONSEQUÊNCIAS DE UM ABUSO SEXUAL, A PARTIR DA  
OBRA *O PESO DO PÁSSARO MORTO*, DE ALINE BEI**

**Neide de Moraes Espiridião**

**Orientadora: Profa. Marise Marcolan**

**Sorocaba – SP**

**2023**

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE  
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE AS  
CONSEQUÊNCIAS DE UM ABUSO SEXUAL, A PARTIR DA  
OBRA *O PESO DO PÁSSARO MORTO*, DE ALINE BEI**

Artigo apresentado em cumprimento às exigências para a conclusão do Curso de Formação em Psicanálise sob a orientação da Professora Marise Marcolan.

**Sorocaba – SP**

**2023**

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE  
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Autor: Neide de Moraes Espiridião**

**UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE AS  
CONSEQUÊNCIAS DE UM ABUSO SEXUAL, A PARTIR DA  
OBRA *O PESO DO PÁSSARO MORTO*, DE ALINE BEI**

Avaliado em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Nota Final: (    ) \_\_\_\_\_

---

**Orientadora (Professora)**

---

**Professor(a) Examinador(a)**

Sorocaba – SP

2023

# Um estudo psicanalítico sobre as consequências de um abuso sexual, a partir da obra *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei

## Resumo

Este trabalho faz uma análise psicanalítica, a partir de um recorte da obra *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei. Aborda os traumas vividos pela protagonista, os quais estão relacionados a luto não elaborado, *bullying*, rejeição e silenciamento. Expõe as associações entre os registros psíquicos desenvolvidos na infância à sua reação quando foi vítima de um abuso sexual, aos 17 anos de idade, o qual resultou numa gravidez indesejada e em diversas consequências emocionais. O artigo pauta-se nas ideias de Freud (1915a; 1982; 1926; 2013) acerca de luto e melancolia (2013), desenvolvimento psicosssexual (1982), pulsão (1915a), conteúdos recalçados (1926) e introjeção do mecanismo de silenciamento (1926). Apresenta uma metodologia bibliográfica, com abordagem descritiva e qualitativa a partir de artigos científicos pertinentes ao tema, publicados desde 2019, e do estudo de outros autores relevantes à problemática que envolve a conexão entre abuso sexual e machismo. Propõe estratégias de manejo clínico acerca do caso, estabelecendo relações entre a Literatura e a Psicanálise. Além disso, busca fomentar os estudos sobre como a Psicanálise pode auxiliar mulheres vítimas de violência sexual.

**Palavras-chave:** Abuso sexual; Adolescência; Machismo; Psicanálise; Literatura brasileira.

## Abstract

This work makes a psychoanalytical analysis, based on an excerpt from the work *O peso do pássaro morto*, by Aline Bei. It addresses the traumas experienced by the protagonist, which are related to non-elaborated mourning, bullying, rejection and silencing. It exposes the associations between the psychic registers developed in childhood and her reaction when she was the victim of sexual abuse, at the age of 17, which resulted in an unwanted pregnancy and several emotional consequences. The article is based on Freud's ideas (1915a; 1982; 1926; 2013) about mourning and melancholy (2013), psychosexual development (1982), drive (1915a), repressed contents (1926) and introjection of the silencing mechanism (1926). It presents a bibliographic methodology, with a descriptive and qualitative approach based on scientific articles relevant to the subject, published since 2019, and the study of other authors related to the problem that involves the connection between sexual abuse and machismo. It proposes clinical management strategies about the case, establishing relationships between Literature and Psychoanalysis. In addition, it seeks to promote studies on how Psychoanalysis can help women victims of sexual violence.

**Keywords:** Sexual abuse; Adolescence; Male chauvinism; Psychoanalysis; Brazilian literature.

## INTRODUÇÃO

Os casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes configuram uma realidade devastadora no Brasil. Segundo uma reportagem publicada recentemente pelo G1, mais de 200 mil casos de violência sexual foram registrados no país entre os anos de 2015 a 2021, o que significam, aproximadamente, 80 casos por dia. Diante desse cenário, cabem algumas considerações importantes: o índice de abuso é maior entre pessoas do sexo feminino cuja faixa etária compreende dos 10 aos 19 anos (foram 110.657 casos, o que corresponde a 92,7%), ou seja, meninas adolescentes são as principais vítimas de estupro e de outras formas de abuso sexual em território brasileiro. Ademais, os principais agressores são homens, familiares ou conhecidos, sendo a residência o local mais comum para realização do crime (G1, 2023). Assim, torna-se urgente traçar relações entre tal questão de segurança pública – visto que estamos falando de um crime hediondo – e saúde mental, uma vez que as vítimas são impactadas diretamente e sofrem traumas que as acompanham durante toda a vida.

De acordo com Gomes *apud* Tofanelo e Zolin (2020), o estupro é um dos crimes mais cometidos contra mulheres no Brasil, pois está intrinsecamente ligado ao machismo estrutural, o qual se baseia na relação de força, poder e domínio do homem sobre a mulher, sendo esta representação de virilidade enquanto a figura feminina tem os seus comportamentos e ética questionados. Nesse sentido, este trabalho traz um estudo de caso a partir da obra *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei (2017). O livro narra a história de uma mulher que sofre um estupro na adolescência e revela os efeitos destrutivos desse ato na vida da personagem. A fim de lançar luz ao tema sob o viés psicanalítico, fez-se uma pesquisa bibliográfica, partindo de artigos científicos acerca da obra e da temática “abuso sexual”, publicados a partir de 2019. Além disso, buscou-se embasamento teórico, sobretudo, nas ideias de Freud (1915a; 1926; 1982; 2013).

Logo, o objetivo geral deste artigo é: Analisar, sob um olhar psicanalítico, as consequências do abuso sexual vivido pela protagonista da obra *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei (2017). Já os objetivos específicos são: Relacionar literatura e realidade social, considerando questões de saúde mental; Utilizar as vivências da personagem como estudo de caso psicanalítico; Elucidar estudos teóricos de Freud (1915a; 1926; 1982; 2013) e de outros autores sobre o tema; e propor um manejo clínico para a situação discutida.

Enquanto organização, os títulos e subtítulos estão divididos em: Descrição da situação problemática; Hipótese diagnóstica; Relatos da analisanda (personagem); Revisão da Literatura; Proposta de manejo clínico e Considerações finais.

### **Descrição da situação problemática**

O livro *O peso do pássaro morto*, da autora paulistana Aline Bei (2017), trata-se de um romance dividido em nove capítulos, respectivamente intitulados: 8, 17, 18, 28, 37, 48, 49, 50, 52. Cada um corresponde a uma idade da protagonista e, conseqüentemente, atrela-se aos fatos que a marcaram em determinados períodos da vida. O enredo aborda temas densos e sensíveis, como: luto não elaborado, *bullying*, estupro, gravidez indesejada, maternidade, depressão, rejeição e suicídio. Neste artigo, iremos nos concentrar no capítulo 17, pois narra o abuso sexual sofrido pela personagem sem nome – o que, literariamente, sugere apagamento, silenciamento e universalização. Isto é, a figura central da história é estruturada a partir de lacunas, vazios e anulações egoicas, entretanto, é capaz de promover identificação com o leitor através das suas experiências, traumas e sentimentos – o que torna a obra um relevante objeto de estudo psicanalítico.

No segundo capítulo, encontramos a situação problemática em foco: a protagonista, uma adolescente de 17 anos, foi a um *show* de *rock* pela primeira vez, acompanhada por uma amiga chamada Paula. Pedro, o rapaz com quem a personagem principal se relacionava amorosamente, não pode acompanhá-la no evento. Tomamos conhecimento de que a jovem era virgem e estava num processo de descoberta sexual. Durante o concerto, ela e sua amiga conheceram um garoto e conversaram sobre trivialidades e vivências adolescentes. Ao se embriagarem, Paula tirou a blusa e dançou sem cobrir os seios. A sensualidade da cena culminou com um beijo triplo entre a protagonista, a sua amiga e o rapaz que haviam conhecido, apesar de não lhe perguntarem o nome.

Contudo, havia colegas de escola naquele *show* e o beijo foi fotografado e exibido para Pedro, com quem a personagem tinha um envolvimento emocional. Ele demonstrou uma reação negativa e violenta: proferiu agressões verbais e não aceitou conversar com a protagonista. Os sentimentos de culpa e de vergonha invadiram-na e acenturam-se com o *bullying* praticado pelos estudantes do colégio. O

conservadorismo familiar isolaram a moça e deixaram-na devastada, sem conseguir se alimentar. Os seus pais não sabiam da situação e pareciam formar um casal tipicamente feliz. Certa noite, saíram para jantar e a jovem preferiu ficar em casa. Pouco depois, recebeu a visita de Pedro, que parecia disposto a dialogar e resolver a situação. Entretanto, quando a protagonista abriu a porta, o rapaz encostou-lhe uma faca em seu pescoço e a chutou para, então, estuprá-la. O ato se consumou, deixando a personagem imóvel. No capítulo 18, descobrimos que o abuso sofrido resultou numa gravidez, a qual não foi interrompida e contribuiu para que a jovem revivesse o trauma por anos, enquanto o seu filho crescia (Bei, 2017, p. 47-61).

Com isso, fica evidente que o crime sexual sofrido pela vítima possui viés absolutamente violento e misógino. Percebe-se que a situação problemática parte de um desejo por vingança, executado por Pedro ao sentir a sua masculinidade ferida. Acerca de situações que demonstram a dominação masculina, o sociólogo francês Pierre Bourdieu postulou que

a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. (Bourdieu *apud* Esteves e Coqueiro, 2020, p. 05)

Portanto, pode-se dizer que a personagem – a qual pode representar todas as mulheres – sofreu violência não somente de um agressor, mas de uma estrutura social que relativiza a dominação do homem sobre a mulher, corroborando a ideia de virilidade deste e de fragilidade daquela. Tal *modus operandi* contribui para que a violência contra a mulher pareça fazer parte da normalidade – ou, se não é normal, no mínimo, é tida como um fato corriqueiro, em que a ética, a moralidade e o comportamento da vítima são postos em xeque. Outra relação encontrada entre esta obra literária em questão e a realidade social é o silenciamento. Depois do estupro, a protagonista permanece em silêncio e a agressão sexual torna-se o seu segredo. Segundo Orlandi *apud* Tofanelo e Zolin (2020),

há, basicamente, duas formas de silêncio: o imposto e o proposto. O primeiro implica uma forma de dominação, que cala o sujeito. Já o segundo, apresenta-se como uma forma de resistência, de defesa e de proteção. (Orlandi *apud* Tofanelo e Zolin, 2020, p. 67)

No caso da personagem, o silêncio fez-se presente nas duas formas: imposto, quando não denunciou o crime cometido pelo seu namorado; e proposto, quando manteve segredo e nunca revelou ao seu filho que havia sido abusada sexualmente

pelo progenitor do garoto. A seguir, levantamos algumas hipóteses clínicas sobre o caso e o silenciamento da analisanda.

### **Hipótese diagnóstica**

Dado o envolvimento da protagonista com uma figura masculina dominadora e possessiva, além da sua reação de silenciar o ocorrido, torna-se relevante investigar os registros psíquicos que a personagem possui acerca de 3 fatores: (1) a sua infância; (2) o seu relacionamento familiar, sobretudo, com os pais; (3) a influência do superego no silenciamento. Portanto, cabem algumas perguntas capazes de ajudar no processo de análise: Como eram as suas relações? Quem eram as figuras masculinas com quem tinha contato e quais eram as características psicológicas destas? Observa-se um padrão no que diz respeito à submissão e ao silenciamento? A maneira como a protagonista lidou com o abuso sexual remete à forma como reagiu a alguma violência a que foi submetida enquanto era criança? Como era o seu relacionamento com os pais? Trata-se de uma família mais aberta ao diálogo ou conservadora? Que pensamentos e sentimentos foram determinantes para que nunca falasse, a alguém, sobre o abuso que sofrêra?

O relato da analisanda acerca da infância fornece alguns subsídios importantes para a construção de um perfil psicanalítico, o qual pode elucidar alguns aspectos inconscientes da personagem.

No capítulo 8 (Bei, 2017), narra-se a relação da protagonista com o casal “Seu Luís” e “Dona Rosa”, sendo aquele um benzedeiro que conquistara a confiança da família da menina. Nota-se um vínculo respeitoso e, de certa forma, paterno. O “Seu Luís” era uma figura de referência para a garota, possivelmente porque lhe remetia a cuidado e proteção, enquanto “Dona Rosa” lhe transmitia afeto através dos pudins que preparava. (Bei, 2017, p. 8)

Durante a leitura, descobre-se que a criança sentia dificuldade para compreender matemática e recebia ajuda de “Carla”, a sua melhor amiga. Porém, a analisanda relata que, quando era submetida a uma avaliação escrita, paralisava e tinha vontade de chorar, o que sugere insegurança e desequilíbrio emocional quando submetida a situações de pressão. Na sua amizade, havia um sentimento de admiração – como se “Carla” fosse inatingível, devido ao seu alto desempenho escolar, boa saúde e o fato de não ter medo de borboletas – e, ao mesmo tempo, de

inferioridade – pois a autoimagem que a personagem possuía era oposta. (Bei, 2017, p. 11-13) Há lembranças afetivas acerca das brincadeiras que faziam no pátio da escola, nas quais fica evidente um senso de honestidade da protagonista, uma vez que declara nunca ter “roubado” na brincadeira de esconde-esconde (Bei, 2017, p. 16) – o que, psicanaliticamente, pode sugerir valores aprendidos em casa. Entretanto, a menina sofre um grande trauma quando recebe a notícia de que a sua melhor amiga morrerá, atacada por um cachorro. (Bei, 2017, p. 18, 19) No processo de tentar elaborar o luto, recorre ao “Seu Luís”, que lhe explica que a menina não voltaria mais e a personagem verbaliza, então, que se sente “sozinha”. (Bei, 2017, p. 22) A protagonista lembra-se dos planos de levar a amiga para conhecer o benzedeiro e se questiona se “Carla” havia tentado se machucar propositalmente para conhecer o “Seu Luís”, (Bei, 2017, p. 12, 25) expressando um forte sentimento de culpa.

A fim de ajudar a filha a superar o trauma gerado pela perda da melhor amiga, os pais transferem a garota para outro colégio. Lá, ela enfrenta episódios de *bullying* e exclusão. Relata que é obrigada a jogar basquete, mesmo não gostando, e sempre é a última a ser escolhida para compor a equipe. (Bei, 2017, p. 29) Aqui, ficam perceptíveis a desconsideração dos desejos da personagem e a sua obediência ao que lhe é imposto. Além disso, a sua aparência física é frequentemente motivo de zombaria, afetando-lhe a autoestima e enfraquecendo a sua estrutura egoica, a qual se mantinha numa posição submissa. Em certa ocasião, a menina usou um tênis igual ao da sua colega “Ana”, figura popular no colégio, mas os outros estudantes fizeram uma roda em volta dela e lhe apontavam o dedo, gritando que era “cópia”, até que a criança urinou e foi acolhida pela professora. (Bei, 2017, p. 29, 30) A necessidade de aprovação consolida-se e impacta nas escolhas e comportamentos da personagem, a qual, em algumas ocasiões, prefere imitar os outros a fim de se sentir pertencente ao espaço e ao grupo.

Enquanto isso, as suas notas escolares pioravam e as suas atividades refletiam o luto ainda não elaborado pela morte da “Carla”, além da perda de fé e de esperança (Bei, 2017, p. 33), como no caso da produção textual intitulada “A cura não existe”, a qual recebeu nota 4,5 e uma devolutiva apontando a necessidade de melhorar a escrita. (Bei, 2017, p. 25) A sua autoestima parecia afetada com os desestímulos que recebia. No caso do texto citado, ela gostou dele, mas a professora atribuiu-lhe uma nota negativa. As conversas e os comportamentos da garota revelavam um imenso vazio, atrelados a solidão e profunda tristeza. Em casa, quando relatou aos pais o seu

desejo de ser aeromoça, foi coibida por sua mãe, que achava a profissão perigosa e, assim, o seu sonho, aos 8 anos de idade, fora desfeito. (Bei, 2017, p. 33) Mais uma vez, teve a sua vontade silenciada.

Nesse período, a garota apaixonou-se pela primeira vez por um menino chamado “Caio” – a sua primeira desilusão amorosa. A protagonista, na tentativa de conquistá-lo, levou dois chocolates para a escola, com a intenção de oferecer um ao “Caio” no recreio, pois havia escutado que ele gostava daquele doce. Contudo, o garoto lembrou-se da cena em que a personagem urinou diante de todos e lhe zombou. A menina sentiu-se humilhada com aquela agressão verbal e psicológica, entretanto, fez um grande esforço para reprimir os seus sentimentos e não chorar. (Bei, 2017, p. 35-37). Diante de uma situação agressiva e humilhante, a personagem anulou os seus sentimentos e as suas reações, recorrendo ao silenciamento, em vez de expressar raiva e/ou tristeza.

Escrevia cartas para a sua amiga falecida, visto que o “Seu Luís” lhe havia mostrado, há um tempo, as cartas que enviava para a “Dona Rosa” quando eram jovens e esse gesto lhe pareceu uma forma eficaz de demonstrar sentimentos. (Bei, 2017, p. 38-40) Nessas cartas, a protagonista falava sobre a falta que sentia da melhor amiga e o seu desejo de também morrer. (Bei, 2017, p. 40, 41) Aqui, percebe-se uma tendência depressiva na figura infantil que não elaborou o luto. A garota subia no telhado e fazia, das cartas, aviões de papel; porém, a vizinha reclamou que a criança estava jogando lixo em sua casa. A personagem foi censurada pelo pai (Bei, 2017, p. 41, 42) – o que sugere, mais uma vez, a repressão de sentimentos, visto que a maneira como encontrou para externalizar o que sentia fôra apontada como errada. Novamente, o silenciamento fez-se presente. Resolveu recorrer ao “Seu Luís”, depois de um tempo sem frequentar a casa do benzedeiro, mas descobriu que ele havia falecido (Bei, 2017, p. 45). Assim, percebe-se que as figuras que lhe inspiravam confiança, afeto, cuidado, proteção e cumplicidade foram extintas, deixando-lhe um enorme vazio.

Outra hipótese acerca do silenciamento da personagem após ser vítima de um abuso sexual é a questão do conservadorismo familiar. Embora não existam muitas evidências acerca das questões morais que faziam parte daquele núcleo, há alguns relatos que denotam a constituição de uma família tradicional. Sabe-se que a mãe da protagonista era uma mulher de fé, visto que frequentava a casa do “Seu Luís”, um benzedeiro – o que pode representar traços de religiosidade. Além disso, os pais da

jovem pareciam formar um casal feliz e fiel, de acordo com a constatação da jovem antes de sofrer o estupro, quando os cônjuges saíram para jantar: “meus pais/estavam/timidamente alegres no amor deles de anos, era bonito ser sexta-feira e estar casado” (Bei, 2017, p. 56). Mais adiante, no capítulo 37, descobre-se que, em relação à gravidez, a personagem ouviu da sua família: “ – se foi mulher pra fazer vai ser mulher pra criar” (Bei, 2017, p. 100). Aqui, fica explícito o abandono familiar justificado pelo moralismo, corroborando a ideia de uma estrutura rígida afetada pelo superego.

A protagonista opta pelo silenciamento, ora imposto, ora escolhido – afinal, em seu julgamento protagonizado pelo superego, como denunciar que fora vítima de um abuso sexual, quando o seu próprio comportamento no concerto parecia reprovável? Como acusar o namorado de estupro, quando a própria beijou outro rapaz num evento em que estava desacompanhada do seu parceiro? Seus sentimentos de culpa e vergonha são expressos no trecho a seguir: “9/meses/depois.foi a minha primeira vez, pensei seriamente/em/aborto./mas não tive Coragem/prá dizer/Estupro./então eu disse:/fiz sexo.” (Bei, 2017, p. 100)

Na seção a seguir, veremos os relatos completos da analisanda, pautando-se no capítulo 17 da obra “O peso do pássaro morto” (Bei, 2017), para que, então, sejam realizados um estudo teórico e, conseqüentemente, uma proposta de manejo clínico diante do caso.

### **Relatos da analisanda (personagem)**

Nesta seção, encontram-se transcritos os relatos da analisanda (personagem) sobre as circunstâncias que precederam o abuso e os detalhes durante o ato criminoso. Embora já se tenha feito uma descrição da situação problemática, atentar-se às palavras usadas pela própria analisanda, além de constituir parte essencial do processo analítico, contribui para a formulação de diagnóstico clínico e manejo. É importante salientar que nenhuma palavra ou expressão foi suprimida destes relatos, a fim de garantir uma escuta/leitura acolhedora, que não reprime o discurso, as memórias e os sentimentos da vítima. Seguem os relatos, na íntegra:

era o meu primeiro show de rock./a Paula me chamou para ver aquela banda

holandesa/de nome impronunciável muito menos/escrevível, mas fui./era por Ela, afinal de contas, que quebrava todos/os meus galhos até naquela vez que menti pra/minha mãe de ter/dormido na casa da paula, mas eu/tinha passado a noite/debaixo de uma árvore com o Pedro/beijando aquela boca macia/minha língua cansada sem querer parar/de lamber o menino/mais lindo que os meus olhos já/viram, a vontade era de/engolir o/Pedro e guardá-lo dentro pra toda vez que eu ficasse/triste lembrar que ele/existe em mim./inclusive eu queria que ele tivesse ido no show pra/gente continuar se beijando, Insisti,/mas a mãe do Pedro/estava sem dinheiro e ingresso/custa caro./não éramos namorados/porque ninguém pediu que sim./mas nos amassávamos regularmente/pelos cantos do colégio/nas escadas de incêndio, ao lado dos postes, apoiados/em carros, teve um dia que foi na grama e/foi 1/quase,/- *you de vestido é mais fácil*, ele sussurrou me/agarrando as coxas, eu disse:/- *calma.* ele acalmou quando prometi/que em breve/faríamos sexo/e só de pensar no Pedro pelado, eu/já sentia espasmos/nas costelas de perna/bamba./usava a palavra tesão/prá falar com a paula sobre o que eu sentia pelo/Pedro quando a gente colava a boca. a Paula ria,/ela também/era muito/beijoqueira. a palavra tesão eu aprendi com o/Gustavo,/um carioca que ficava na janela da vã do colégio. ele/colocava a cara pra fora/e comia vento dizendo:/- *que tesãao.*/de um jeito que até me fez buscar/a palavra/no dicionário e/Entendi./o show/não era de todo mal, a Paula/estava se divertindo muito./começou a dançar com um cabeludo/ótimo/dançarino de camisa xadrez e ele começou a/dançar comigo, também,/dançamos os 3/em grude./bebíamos da mesma/cerveja, parecia que nps conhecíamos há anos./chegamos à conclusão de que/ser novo/é bem mais chato do que/ser velho, as cobranças, o colégio,/os pais, o/Futuro, espero/que não estejam contando com a gente pra salvar o/mundo./a paula chiou:/- *eu queria ver melhor.*/então nós colamos o mais rente que deu do palco,/um bolo/de gente/junta./- *a batida dessa banda é muito boa*, berrou o cabeludo./- *o quê?* eu disse./- *a batida dessa banda. É muito Boa.*/e era,/deliciosa a música que tocava, sorri concordando,/acrescentei:/- *é viciante.*/e falei isso forçando/o tamanho/da boca./a Paulinha nem ouvia ela pulava como uma louca sem/sutiã, *que Bico*,/eu pensei olhando, o cabeludo flagrou meu olho,/salivamos./estava quente no show ao ar/livre e/choveu,/a banda tocava de olhos Abertos *give me love/give me love give me/peace on Earth/give me light give me Life keep me/Free* só que numa versão mais/punk. as pessoas/empurravam querendo/perto,/o espaço/na frente do palco ficou minúsculo, meus músculos, me senti um bicho,/joguei cerveja no rosto e lambi as sobras que caíam/na boca,/eles riram, me imitaram,/a Paula/arrancou a blusa e rodou no ritmo,/as tetas também/no ritmo/suamos e fomos ficando cada vez mais juntos/cada vez mais/ justos e/quando dei por mim/estávamos beijando/a boca uns dos outros até virar um beijo de bocas e foi/desfrute./a língua da Paula/era muito gostosa com aqueles/peitos,/a boca do cara tinha cheiro de menta com aquele/cabelo./ninguém perguntou de nomes,/fechei o olho/prá morrer a 3.

+

tinha conhecidos do colégio no show da banda/moda./alguém/tirou 1 foto do beijo triplo/ e mostrou pro Pedro na segunda-feira que, aos/gritos, socou o ar dizendo:/ - *puta.*/eu gostava de você, sua/*P u t a!*/- *eu ainda gosto, Pedro, Calma!/vamos conversar. Foi uma/brincadeira,/a gente se deixou levar pela música, né, paula, mas/juro acabou ali. a gente tinha bebido um pouco/mais que o normal. aquela cerveja era muito/vagabunda, subiu tão/rápido,/eu ia te contar,/mas não assim. não desse jeito, Pedro./escuta.*/e ele fugindo de mim com o punho/cerrado, a boca/molhada enchendo os corredores/com as letras/*P/U/T/A*/o que aos poucos foi me deixando/realmente/*Putá.*/em casa/na minha cama/percebi que/na verdade eu estava arrependida, me sentindo/Sozinha, querendo/morrer./ as pessoas/colavam fotos pela escola do pedro com chifres,/rei do gado/era o seu novo apelido,/muuuuuuuuuuuuuuu quando ele passava,/muuuuuuuuuuuuuuu desenhado em bilhete/ele tacava tudo no lixo e a cara/magra, mais magra do que nunca./escreveram/Pedro

Corno/ocupando toda a lousa antes da professora chegar,/o apagador sumido,/tentei com a manga da blusa enquanto o povo da/sala gritava:/– *Putá!*/um do canto foi mais longe:/– *vem cá/dar aquele beijinho no meu pau.*/meu Grito/estava a ponto de/explodir quando/a Paula me puxou pro banheiro me pedindo/calma./que nojo me dava/do amor/virando posse, das/pessoas virando cruas, do Pedro não/entendendo nada com aqueles olhos/inchados e duros,/seu amor por mim/escorria/virando/Ódio, virando/ímpeto./eu passava horas/trancada no quarto depois do colégio./não queria comer, minha mãe insistia./dizia que/o amor era um vento,/logo passa e começa outro com tanta/naturalidade que você nem percebe./mas é a culpa mãe,/trezentos/quilos/de culpa/e ela achando que nessa história eu era santa./não contei/que beijei a Paula beijando outro, ela nunca/ficaria do meu lado se soubesse assim e/naquele momento/eu precisava muito/de alguém do meu lado./meu deus./que saudade de quando nada disso tinha/acontecido./de todos os segundos antes disso ter acontecido./a Paula/tentava/encontrar uma solução/propondo:/– *vamos descobrir/quem foi o filho da puta que tirou essa foto.*/mas pra mim era tudo tão/Tarde,/o tempo/escorria sem/sono das minhas/mãos.

+

sexta-feira à noite eu/na cama, meu pai me disse:/– *quer comer uma pizza?*/não quis./a semana não tinha sido fácil com o Pedro me/odiando, eu estava/sem fome nem ânimo e meus pais/estavam/timidamente alegres no amor deles de anos, era/bonito ser sexta-feira e estar casado, espero que/um dia faça sexta/no meu amor./então eu disse, um pouco cúmplice:/– *vão vocês.*/e eles foram,/o amor é de uma força que/eu até me animei./liguei um filme/*ana e os lobos*/estava em cima da mesa pra devolver na/locadora,/meu pai disse que era bom./parecia ótimo/logo na primeira cena, mas/o cansaço/é uma coisa que/quando Chega/faz a pessoa dormir discretamente pra si mesma e/começa na/pálpebra,/quando alguém tocou a campainha./acordei./olhei quem era/pela janela do quarto/e vi o/Pedro?./lá embaixo que me viu também e disse:/– *eu quero conversar com você.*/meu ar/fugiu do peito,/tentei me arrumar rápida no espalho, joguei/o cabelo/pro lado passando perfume em lugares/estratégicos./ele estava calmo eu senti/alívio, pensei em argumentos como/fiquei bêbada,/ninguém trocou telefone,/do cabeludo eu não sei/nem o nome e a paula/foi uma bobagem/esquecível/entre amigas, eu/já esqueci./desci as escadas correndo num quase tropeço./quando abri a porta/o Pedro/tinha 1 Faca/que colou no meu/pescoço./meu grito/morreu no estômago/junto com o chute que ele me deu./caí sem acreditar naquele Pedro que/arrancou o meu/vestido, o contato/rente/da Faca/queimava/a pele e/ardia enquanto o Pedro/mastigava meus peitos/pronto pra arrancar/o bico./ele lambeu minhas coxas por dentro a buceta meu/rosto o cu e a língua um pau revirando,/entre a reza e o pulo escolhi/ficar dura/e estranhamente pronta/prá morrer./foi quando o xixi/me escorreu/as pernas./– *tá mijando em mim sua porca?*/ele arrancou o pau pra fora e fez o mesmo/na minha boca./– *engole essa, vadia.*/o gosto morno/era azedo./ele socou o pau/até o fundo mais/impossível da minha/garganta,/vomitei./o pedro/ria,/disse que arrombadas como eu prestam só pra dar/e olhe lá que tem muita putinha bem mais/delícia/do que eu em cada/esquina./ele abaixou as calças/abriu minhas pernas/e meteu com pressa/de olho/fechado, a cara toda/cerrada/de gozo e nenhum ódio,/o ódio agora/era meu./Acabou/e eu/melada O chão/de ardósia O Pedro/subiu as calças/virou as costas/e saiu. (Bei, 2017, p. 47-60)

## Revisão da Literatura

Através de acompanhamento e verificação da história da personagem, nota-se a sua profunda dificuldade em lidar com a dor resultante da perda, sobretudo, com o luto. Os episódios ocorridos durante a infância, permeados por mortes, exclusão, isolamento, violências verbais e psicológicas e repressão contribuíram, negativamente, para a formação de uma estrutura egoica fragilizada, mas, ao mesmo tempo, rígida quanto ao ato de expressar sentimentos e se perdoar. Ainda criança, a analisanda enfrenta frustrações que desencadearam traumas, uma vez que foram acontecimentos recorrentes envolvendo perda, anulação e agressão. Pode-se dizer que a personagem passou por diversos lutos literais e simbólicos: o falecimento de Carla e de “Seu Luís”; a morte social que sofreu na escola, por ser excluída pelos demais; e a frustração com “Caio”, seu primeiro amor, os quais engendraram sentimentos e emoções de insegurança, medo, solidão, angústia e tristeza. Sobre as relações entre luto e melancolia, Sigmund Freud postula que

[...] no luto, o mundo se torna vazio, empobrecido, sem atrativos; na melancolia, é o próprio eu (ego) que é atingido, ferido, dilacerado. No luto, nada da perda é subtraído da consciência, pois o enlutado sabe o que perdeu, ao contrário do que ocorre na melancolia, na qual não há saber sobre a causa do sofrimento (Freud, 2013, p. 66-67).

A princípio, a garota entendia que o seu estado de tristeza era resultado do falecimento de sua melhor amiga, Carla. É possível constatar que a menina passa por algumas fases do luto: negação, isolamento, raiva, barganha e depressão (Kúbler-Ross, 2008). Entretanto, com o decorrer do tempo, a melancolia faz-se presente no cotidiano da analisanda, sem que ela entenda, necessariamente, o porquê de se sentir sozinha e incapaz, além de ser acometida por pensamentos suicidas.

Respondendo às questões formuladas no levantamento de hipóteses, obtém-se alguns dados relevantes para a análise psíquica da personagem. Acerca das suas relações na infância, compreende-se que a menina vivia num círculo familiar seguro, embora, aparentemente, houvesse pouca comunicação com os pais. O seu grupo de amigos era composto por duas pessoas idosas, “Seu Luís” e “Dona Rosa” – que lhe transmitiam cuidado, afeto e proteção – e por sua melhor amiga, “Carla” – uma menina da mesma idade que se destacava quanto ao rendimento escolar. Apesar de não haver uma competição entre as garotas, percebe-se que a analisanda possui baixa

autoestima, referindo-se a “Carla” como se esta fosse melhor em muitos aspectos: mais inteligente, mais veloz, mais corajosa e mais saudável.

Na trama, o “Seu Luís” corresponde ao arquétipo do “Velho Sábio”, de acordo com as teorias de Carl Jung (2016). Tal identificação é plausível, uma vez que o benzedeiro transmite a imagem de sabedoria, de alguém que possui as respostas para as perguntas da menina e tem a capacidade de curar diversos males. Entretanto, quando estava em processo de elaborar o luto referente à morte de “Carla”, a garota também perde o “Seu Luís” – o que significa dizer que perdeu as possibilidades de resposta. Sendo assim, o silêncio passou a lhe acompanhar durante os processos, como a única alternativa existente para registrar os acontecimentos. Tal fato retirou-lhe aspectos fundamentais para a resiliência humana, como: a fé e a esperança. Quando criança, a sua ingenuidade diante da vida pereceu, junto com as existências de “Carla” e “Seu Luís”, deixando na analisanda um vazio existencial formado por angústia, tristeza e solidão.

Dito isto, é interessante perceber que as estratégias que a garota encontrou, na infância, para expressar os seus sentimentos foram reprimidas – em especial, quando decidiu escrever cartas para a “Carla” e lançá-las no ar, como se fossem aviões que chegariam ao destino, mas a vizinha reclamou do comportamento da menina. Logo, a sua atitude e esperança pueris foram censuradas e as suas cartas, que representavam a verbalização dos seus sentimentos, reduzidas a lixo e entendidas como incômodo alheio. O mesmo aconteceu com um texto produzido na escola, intitulado “A cura não existe” – apesar de ter agradado a analisanda, recebeu nota negativa, além de apontamentos indicando a necessidade de correção linguística. Dessa forma, a personagem introjetou (Freud, 1926) medidas de silenciamento e de repressão de ideias e sentimentos.

Assim, é possível identificar traços de depressão ainda na infância, os quais não receberam a condução necessária e afetaram a formação da personagem na adolescência, quando foi vítima de um abuso sexual extremamente agressivo e misógino. A escritora Rebecca Solnit defende o conceito de que o silêncio é condição universal da opressão (Solnit, 2017, p. 28). De fato, nota-se que em todas as vezes que a analisanda recorreu ao silenciamento, havia passado por algum tipo de agressão: seja quando se sentia incapaz ante uma avaliação escrita de matemática, sofria *bullying* no colégio, não conseguia lidar com a morte de pessoas queridas ou era humilhada por um colega ou até mesmo pelo seu primeiro amor. Tal mecanismo

foi incorporado à estrutura psíquica da menina, de modo que, na adolescência, quando teve sua reputação questionada no colégio e foi abusada sexualmente pelo namorado, lidou com as circunstâncias anulando os seus sentimentos, através de distanciamento e silêncio.

É relevante salientar que o abuso foi a segunda decepção amorosa que enfrentou; esta numa proporção maior e mais grave que a primeira, no entanto, as reminiscências atreladas a rejeição, abandono, vergonha e tristeza vieram à tona. Ademais, durante o estupro, a adolescente teve a mesma reação de quando sofreu violência por um grupo de colegas na escola, aos 8 anos. Na infância, enquanto as crianças riam-se dela, apontavam-lhe o dedo e gritavam que o seu tênis era uma cópia dos calçados de Ana, a analisanda manteve-se acuada até que urinou diante dos agressores – o que lhe causou ainda mais ridicularização. A cena parece se repetir quando a jovem sofre o abuso – sem reação defensiva e completamente amedrontada, ela urina enquanto o criminoso comete o ato – repercutindo em mais violência. Sendo assim, fica evidente que os traumas sofridos na infância criaram registros psíquicos no inconsciente que se refletem, inclusive, nas reações físicas da adolescente.

Quanto ao relacionamento da vítima com os pais, não se nota graves problemas familiares. Entretanto, o conservadorismo – sobretudo, materno – fica evidente quando a jovem relata que nunca contaria à mãe sobre o que fizera no show, porque se esta soubesse, jamais lhe acolheria. Outro aspecto a ser analisado é que, quando criança, perguntou à mãe acerca do tema morte, tentando elaborar o luto por Carla:

*– o que é morrer?/ela estava fritando bife pro almoço./– o bife é morrer, porque morrer é não poder mais escolher o que/farão com a sua carne./quando estamos vivos, muitas vezes também não escolhemos./mas tentamos./almoçamos a morte e foi calado. (Bei, 2017, p. 21)*

Percebe-se a ausência de uma explicação afetuosa, adequada para a idade da analisanda. Diante da resposta sucinta e simbólica da mãe, a garota foi submetida ao silêncio de uma pergunta que não obteve solução. Embora exista a possibilidade de os pais lhe tentarem poupar sofrimento, o fato é que os lutos enfrentados na infância vieram acompanhados por silenciamento, o que agravou a sensação de vazio e reforçou o registro de anulação, conforme corrobora o trecho a seguir:

toquei o sino,  
(nada)  
bati na porta,  
( )  
virei a maçaneta,  
(trancada.)  
voltei para casa chamando mãe, /– *cadê o seu luís?*/ela não tinha ne contado  
nada porque/achou que/era muita morte pra eu saber de uma vez só. (Bei,  
2017, p. 44, 45)

A rigidez da figura materna torna-se ainda mais evidente quando a jovem relata que a sua gestação foi censurada pela família, sob uma perspectiva moralista. É possível que a constituição familiar tradicional, relacionada a padrões de comportamento conservadores, tenha reprimido a analisanda quanto à violência sexual que sofreu, além de ter reforçado os sentimentos de culpa diante da situação. A jovem, internamente, justificou a agressão devido ao ocorrido no show, em que, sob efeito de álcool e influenciada pelo ambiente e pelas companhias, demonstrou um comportamento considerado repreensível pela educação que recebêra.

Sobre os impactos do abuso, é notável reconhecer que este teve um papel devastador na vida da analisanda, visto que ocorreu na adolescência – fase crucial do desenvolvimento humano, sobretudo, da fase genital, de acordo com a teoria do desenvolvimento psicosssexual, postulada por Freud (1982). Trata-se de um período em que o objeto de “desejo” ou “pulsão” sexual encontra-se no outro. (Freud, 1915a) Entretanto, no caso da personagem, tal descoberta consumou-se a partir de um ato violento, efetuado por alguém de sua confiança: o seu namorado. Segundo Romaro e Capitão, a saúde mental do adolescente vítima de abuso é afetada, pois produz efeitos prejudiciais em seu desempenho escolar, social e orgânico. Além disso, possui relação direta com o desenvolvimento de transtornos de personalidade, ansiedade, sintomas depressivos, doenças psicossomáticas, entre outras consequências devastadoras. (Romaro; Capitão, 2007, p. 121) Ademais, sabe-se que os sintomas advindos de um trauma afetam a memória do indivíduo, o seu estado de consciência e as suas formas de agir na vida. Tais elementos estão ligados à capacidade de regulação, ou seja, como o sujeito aprendeu a elaborar as situações ao longo da vida. (Silva, 2000, p. 28)

Diante da análise, é possível identificar que a jovem apresenta sintomas como angústia, profunda tristeza e desânimo. Sente-se humilhada, envergonhada e culpada. Os conteúdos recalçados (Freud, 1926) provocaram uma rigidez psíquica, a qual encontra-se num estágio avançado de depressão, devido aos lutos não

elaborados e aos traumas sofridos ao longo da vida. Nota-se, na analisanda, o que a filósofa, escritora e psicanalista contemporânea Julia Kristeva chama de “existência desvitalizada”. (Kristeva, 1989, p. 11) Portanto, o intuito é trabalhar o fortalecimento egoico e a reelaboração dos registros psíquicos através de sessões de análise psicanalítica.

### **Proposta de manejo clínico**

Levando em consideração o histórico da analisanda e o fato de ter mencionado que não conseguiu desenvolver um bom relacionamento com o filho, pois projeta, no menino, a figura do abusador, faz-se necessária a análise psicanalítica em que a escuta desempenhe papel acolhedor. O abuso sexual causou-lhe um trauma que foi reforçado durante a gestação e o fato de criar um distanciamento com o filho reforça-lhe os sentimentos de culpa e inutilidade. É importante deixar a analisanda à vontade para que verbalize o que sente ao se lembrar dos acontecimentos que circundam o abuso, sem fazer julgamentos morais.

O fortalecimento egoico será essencial, uma vez que a moça demonstra sinais de baixa autoestima desde a infância, nos quesitos: aparência física, habilidades intelectuais e relações sociais. Nota-se que sempre deixou que as vontades alheias se sobrepusessem às suas, de modo que, através de perguntas sensíveis, deve-se auxiliar a analisanda a se conhecer, bem como a entender e corresponder aos seus próprios desejos. Ajudar a jovem a realizar associações para que compreenda de onde vêm os seus sentimentos e reações fará parte dos procedimentos terapêuticos. Além disso, auxiliá-la a resgatar memórias felizes, nas quais se destacou por algum motivo, poderá auxiliar no processo de reconstrução egoica.

Outra estratégia de manejo é orientar a analisanda a anotar características físicas pessoais ou de personalidade que julga serem positivas. Ademais, a moça também pode escrever, num caderno, as pequenas conquistas diárias, a fim de resgatar a vitalidade da sua existência. Tais apontamentos serão dialogados nas sessões, com o intuito de reelaborar os registros psíquicos que lhe fragilizaram o ego durante tantos anos e de resgatar um método de verbalização que lhe foi ensinado por “Seu Luís”, figura símbolo de cuidado, proteção e afeto.

Evidencia-se a importância de incentivar a analisanda a encontrar uma rede de

apoio, já que as suas relações familiares e sociais são praticamente inexistentes desde o abuso. Para isso, será orientada a participar de sessões de terapia de grupo, específicas para mulheres vítimas de crimes sexuais, onde poderá compartilhar as suas experiências num ambiente empático e reelaborar a sua dor ouvindo pessoas que passaram por situações semelhantes, ocorrendo, portanto, o processamento psíquico a partir de identificação.

A psicanalista Urania Tourinho Peres comenta que a depressão

acaba por designar uma maneira de o ser humano situar-se na vida marcada pela insuficiência e pela perda do sentido na existência. O deprimido carrega uma profunda inibição e o sentimento de ser incapaz de enfrentar a luta pela existência (PERES, 2010, p. 55).

Assim, a depender da evolução da analisanda nas sessões de análise, vale considerar o encaminhamento para um médico psiquiatra, o qual poderá receitar medicamentos adequados para lidar com o quadro depressivo. Não se espera que a jovem se esqueça de todos os traumas sofridos, mas que consiga elaborar os lutos – inclusive no que diz respeito ao estupro que sofreu, visto que se sente “morta” desde então. O objetivo é que recupere o prazer por estar viva, em vez de se deixar dominar pela angústia intensa, tristeza profunda e medo paralisador. As sessões de análise compõem parte fundamental do tratamento pós-traumático, pois ajudarão a desbloquear conteúdos recalcados através do processo de verbalização e abrandar a rigidez psíquica que faz com que a jovem foque num “eu” cobrador – o qual enfraquece ainda mais a sua autoestima e a deixa numa condição inerte.

Recomenda-se, também, que o filho passe por acompanhamento de profissional de saúde mental, a fim de que a relação familiar se dê, gradualmente, de forma mais próxima e afetuosa.

## **Considerações finais**

No Brasil, os casos de abuso sexual a crianças e adolescentes têm aumentado exponencialmente – realidade preocupante para todos, inclusive para profissionais da saúde mental. A Psicanálise pode ajudar jovens mulheres vítimas de abuso, uma vez que adolescentes do sexo feminino são o principal alvo dos criminosos. Tal fato se deve ao machismo estrutural, que se baseia nas relações de dominação do homem sobre a mulher, sendo estas sinônimo de virilidade masculina. A fim de elucidar o

tema, este artigo realizou um estudo de caso a partir de um recorte da obra *O peso do pássaro morto* (Bei, 2017). Além de narrar parte do enredo como sendo o relato da analisanda, o trabalho buscou fundamentação teórica nas ideias de Freud e de outros autores, relacionando conceitos e propondo uma intervenção clínica pautada nos pressupostos da Psicanálise.

Sobre a analisanda, sabemos que o motivo de ter procurado a análise foi o fato de ter sido abusada sexualmente aos 17 anos por seu, então, namorado – acontecimento que lhe gerou uma gravidez indesejada e profundas marcas emocionais. O crime foi extremamente violento e misógino, porém a vítima nunca denunciou ou contou a alguém sobre o ocorrido, pois, além das convenções sociais, ancoradas numa educação conservadora, sentia-se culpada pelos acontecimentos que precederam o ato. A jovem recorre ao silenciamento, ora imposto, ora escolhido para lidar com a situação.

Na elaboração das hipóteses diagnósticas, fez-se uma retrospectiva à infância da analisanda, descobrindo-se que ela já havia passado por situações traumáticas, como luto(s) não elaborado(s), *bullying*, violência, rejeição e repressão. Percebeu-se que a jovem apresentava tendências depressivas desde criança, com baixa autoestima, sentimentos de solidão, angústia e profunda tristeza, a ponto de pensar em morrer com 8 anos de idade.

A seção “Revisão da Literatura” relaciona alguns pressupostos teóricos, sobretudo, de Freud ao caso da analisanda. Traz considerações sobre luto e melancolia (Freud, 2013), fases do luto (Kúbler-Ross, 2008), arquétipo do “Sábio” (Jung, 2016) associado à imagem de “Seu Luís”, introjeção de silenciamento (Freud, 1926), além de um breve desdobramento acerca do desenvolvimento psicosssexual (Freud, 1982) e conteúdos recalçados (Freud, 1926). Outrossim, cita autores contemporâneos que estudam os impactos da violência sexual na vida de crianças e adolescentes.

Já em proposta de manejo clínico, elabora-se uma relação de estratégias psicanalíticas a fim de contribuir para o fortalecimento egoico da analisanda, bem como para a reelaboração de seus registros psíquicos. Além de indicar sessões de análise em que predomine escuta empática, incentiva-se o processo de verbalização através de perguntas sensíveis e exercícios de escrita, retomando um método de expressão de sentimentos ensinado por “Seu Luís”, mas podado por outros adultos. Sugere-se, também, a participação em análise de grupo, voltado especialmente para

mulheres vítimas de abuso sexual. Apontou-se a necessidade de possível acompanhamento psiquiátrico, tendo em vista que a jovem apresenta um quadro de depressão e medicamentos adequados podem ajudá-la. A fim de contribuir para o fortalecimento da relação entre mãe e filho, indicou-se o acompanhamento psicológico para a criança.

Logo, este artigo pretende contribuir com os estudos que relacionam duas áreas de pesquisa: Literatura e Psicanálise, traçando paralelos entre ficção e realidade brasileira. Evidencia a obra *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei (2017), como potente objeto de estudo para análise. Além disso, o trabalho visa fomentar as discussões sobre como a Psicanálise pode ajudar mulheres vítimas de abuso sexual.

## REFERÊNCIAS

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

ESTEVES, Natacha; COQUEIRO, Wilma. “**A cura não existe**”: **depressão, melancolia e suicídio no romance *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei**. Revista Humanidades e inovação, v.7, n.17, 2020, p. 107-116. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3829>>. Acesso em: 03 ago. 2023.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Trabalho original publicado em 1915a)

FREUD, Sigmund. **Inibições, sintomas e ansiedade**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Trabalho original publicado em 1926)

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Trad. Marilene Carone. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre as Teorias da Sexualidade**. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1982.

JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. IX/1. Petrópolis: Vozes, 2000.

GARCIA, Gustavo; MAZUI, Guilherme; PARREIRA, Marcelo. **Brasil registrou 202,9 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes de 2015 a 2021, diz boletim.** G1, Brasília. 18 maio 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/18/brasil-registrou-2029-mil-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-de-2015-a-2021-diz-boletim.ghtml>>. Acesso em: 01 ago. 2023.

GOMES, Carlos Magno. **Ensino de literatura e cultura: do resgate à violência doméstica.** Jundiaí: Paco editorial, 2014.

KRISTEVA, Julia. **O sol negro: depressão e melancolia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

KÚBLER-ROSS, Elizabeth. **Acolher a morte.** Cruz Quebrada: Estrela Polar da Oficina do Livro Sociedade Editorial, 2008

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 4ª edição. São Paulo: UNICAMP, 1997.n. 36 – 2018.2

PERES, Urania Tourinho. **Depressão e melancolia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ROMARO, R. A; CAPITÃO, C. G. **As faces da violência: aproximações, pesquisas, reflexões.** São Paulo: Vetor, 2007.

SILVA, I. R. **Abuso e trauma.** São Paulo: Vetor, 2000.

TOFANELO, Gabriela; ZOLIN, Lúcia. **Do peso à libertação: duas visões da violência sexual na literatura contemporânea escrita por mulheres.** Revista Travessias, Cascavel, set./dez. 2020, v. 14, n. 3, p. 64-76. DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v14i3.24902>

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.